

BOY PARTS: PARTES MASCULINAS

EUFORIA

www.guerraepaz.pt/euforia



@euforiaeditora

EDIÇÃO ORIGINAL

Título: *Boy Parts*

Autora: Eliza Clark

© 2020 por Eliza Clark

Não pode ser vendido para o Brasil

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Título: *Boy Parts: Partes Masculinas*

Acompanhamento editorial: Maria José Batista

Tradução: Mariana Mata

Revisão: Sofia Graça Moura

Design de capa: Ilídio J.B. Vasco

Paginação: André Cardoso

ISBN: 978-989-576-009-1

Depósito legal: 520901/23

1.^a edição: Outubro de 2023

Impresso pela Publito em Braga

© Guerra e Paz, Editores, Lda., 2023

Reservados todos os direitos

EUFORIA

Euforia é uma chancela da **Guerra e Paz, Editores**



GUERRA & PAZ

R. Conde de Redondo, 8–5.º Esq. · 1150-105 Lisboa

Tel.: 213 144 488 · guerraepaz@guerraepaz.pt

Esta obra foi composta em Adobe Caslon e Interstate, Typestar
e impressa sobre papel Holmen 80 g 1.6

BOY PARTS

PARTES
MASCULINAS

Eliza Clark

Para a minha mãe e pai: Por favor, não leiam isto.

Imagens que idealizam não são menos agressivas do que obras que fazem da banalidade uma virtude. Há uma agressão implícita em qualquer uso da câmara.

SUSAN SONTAG,
Ensaaios sobre Fotografia

Agradecimentos

Tenho uma enorme gratidão para com a equipa da New Writing North. Sem o seu generoso Fundo de Talentos para Jovens Escritores, é altamente improvável que este livro tivesse sido escrito. Gostaria de agradecer particularmente a Matt Wesolowski, que foi o meu mentor, e cuja assistência especializada e encorajamento ajudaram a levar *Boy Parts: Partes Masculinas* de uma *short-story* inchada até um romance em seu pleno direito.

Gostaria também de agradecer à equipa da revista *Mslexia*, onde trabalhei durante a maior parte da escrita deste livro, e que me serviu como um excelente curso intensivo no mundo da edição britânica. Talvez valha a pena referir que este romance foi impulsivamente apresentado por uma das minhas contas-fantoches à Influx Press num evento de apresentação da *Mslexia Max* que eu tinha organizado e estava a moderar. Uma prova do ditado que diz que «quem não arrisca, não petisca».

O que nos leva ao Gary, ao Kit e à Sanya, a equipa da Influx, vanguardistas da publicação independente e um grupo de pessoas fantásticas, sem as quais nada disto seria possível.

Estou grata aos meus pais, Ken e Wendy, e à minha família alargada pelo seu apoio – e estou igualmente em dívida para com um grupo anónimo de intelectuais conhecido apenas como

The K Hole Flirters por ter facilitado grande parte da investigação que deu origem a este romance. Para além disso, gostaria de agradecer aos meus primeiros leitores, entre eles o meu companheiro George. O amor e o apoio incondicionais do George foram essenciais para a escrita, edição e conclusão deste livro, e sê-lo-ão para todos os projetos futuros. A não ser que nos separemos, e nesse caso, que grande gafe será, hã?

Dean/Daniel

Sinto o vômito a vir-me à boca no autocarro para o trabalho. Engulo. A sandes que comi na paragem do autocarro ainda é identificável pela textura e sabor.

Quando o autocarro para, cambaleio. Imagino-me a cair sobre o tornozelo, o osso a partir-se e a rasgar-me a pele. Imagino-me a tirar uma fotografia no Serviço de Urgência e a enviá-la ao Ryan; *que chatice, não me parece que consiga ir hoje!* Mas não me consigo obrigar a cair. É como tentar manter a cabeça debaixo de água rasa; não se consegue.

– Estás bem, querida? – pergunta o condutor do autocarro.

– Mais ou menos – respondo.

Chego ao bar meia hora atrasada. Era suposto abrirmos ao meio-dia. O Ryan não estará cá, pelo menos, antes da uma. Encosto a testa contra o vidro frio da porta, a tentar repetidamente enfiar a chave na fechadura, e deixo lá uma mancha de base clara.

Faço o mínimo para abrir e vou bebendo água como precaução até o Ryan chegar. Queixa-se de eu ter deixado marcas de maquilhagem na porta (outra vez) e por não ter tirado as cadeiras de cima das mesas do mezanino. Chama-lhe *mez*. Tenho a cabeça a latejar. Pergunta-me a que horas cheguei a casa (quatro da manhã – «duas», respondo) e se estou de ressaca

(– «não»), depois deixa-me sozinha no bar e vai para o escritório fingir que trabalha.

Corto fruta em paz durante uma hora; mato seis limões e esfolo um ananás. Não toco nas limas, com aquele sabor azedo do meu último *shot* de tequila ainda presente na língua.

Ouçó-os antes de os ver. Homens engravatados, a marcharem pela rua abaixo, uma dúzia deles. Entram de rompante, aos gritos, ruborizados e cheios de si, e fico a misturar *Old Fashioneds* durante meia hora.

Queixam-se de que estou a demorar muito tempo. Ofereço-lhes um *Manhattan* como alternativa mais rápida, e o líder do grupo troca da ideia. Tem a gravata de marca desapertada e abre também o botão de cima da sua camisa com monograma; um relógio enorme algema-lhe o pulso grosso. Houve ali um esforço enorme para parecer visivelmente rico. Provavelmente, mais um «de casaco de peles e cuecas rotas», como diria a minha mãe.

– Um bocadinho *efeminado* para nós, querida.

– É basicamente igual ao *Old Fashioned*, só que é um pouco mais rápido de preparar – afirmo eu, com as duas mãos a mexerem uma colher de bar simultaneamente em dois copos. Tem os olhos fixos nas minhas mamas, por isso não me apanha a fazer uma careta.

– São cor-de-rosa, não são? Esses não são cor-de-rosa?

– Não, é à base de *bourbon*. – Acho que está a confundir com o *Cosmopolitan*; não o quer, de qualquer forma.

Sobem ao mezanino e reclamam bem alto do tempo de espera. Não dão gorjeta. Claro que não dão porra nenhuma.

Rezo para que seja só uma rodada, mas comprem duas garrafas de *Auchentoshan* e estou lixada. Faço um *esforço* enorme